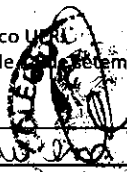


Q. 1 - O ensino escolar das literaturas africanas de Língua Portuguesa foi inserido na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 por intermédio da Lei 10.639/03, que visa a resgatar a contribuição dos negros na constituição e formação da sociedade brasileira. O Brasil Colônia, Império e República teve uma postura demoradamente ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo, ratificando, muitas vezes parte do discurso religioso, científico e social do preconceito. No entanto, segundo Florestan Fernandes, nesse país viveu e ainda vive o que ele chama de "racismo cordial", que significa a contradição entre mostrar-se racista, mas não se dizer preconceituoso por sergo da sua per cordialidade. A crítica discursiva, em preconceito é materializada nos estereótipos, que, longe de serem um conteúdo, são um funcionamento. ^{expressões} ~~Frases~~ como "sou um negro de alma branca", "o humor dele é negro", e o uso da linguagem advertativa em construções como "não sou preconceituoso, mas..." revelam que o estereótipo cristaliza efeitos de sentido e, ao mesmo tempo, recalcava outros. Sendo assim, cabe ao professor de Português e de qualquer outra disciplina promover uma formação ética, estética e política na e pela língua, conforme o PCNs. No caso do profissional de Letras, cabe fazer e alertar o professor que a língua é formadora de valores sociais e culturais, logo o ensino de Literaturas Africanas deve ser ~~uma~~ matéria-língua a importância de se adotar políticas públicas afirmativas de forma democrática, descentralizada e transversal.

Também a Lei 10.639/03 está em vigência há mais de uma década, ainda há escolas que, por não serem devidamente fiscalizadas, não a colocam em prática. As ^{instituições} ~~escolas~~ da rede privada, cujo foco é a aprovação em um concurso civil ou militar dos seus alunos, sequer tocam no assunto da importância dos estudos literários de matriz africana. Cabe afirmar também que o próprio currículo mínimo desenvolvido pela rede estadual do Rio de Janeiro só contempla o estudo da Literatura Africana em apenas um bimestre da grade do terceiro ano do Ensino Médio. Como muitos alunos dessa etapa vivem a aprovação no vestibular e o ENEM só cobra nas literaturas a nível de interpretação de texto, muitos ignoram ou incentivam o professor a não construir um



conteúdo da sala de aula. Dessa forma, cria-se um círculo vicioso que tende a marginalizar a conquista importante trazida pela Lei 10.639/03.

Portanto, cabe a nós, professores, resgatar a noção de "prazer do texto", discutida por Roland Barthes e buscar a magia e a fascinação do aluno perante aos textos de literaturas africanas, fazendo com que o corpo discente perciba a escrita literária como um espaço de desejo. Cabe a nós mostrarmos a eles que a escrita de matriz africana não somente tem a ver com a devida e convencionalmente fonética de palavras e sintagmas, mas também com outros elementos do discurso, nos quais, segundo Lúcia Seco Lindó, "emoção, melodia e atualidade transformam o texto em local de manifestação do uteromental". O uteromental aí não deve ser associado ao sentido vulgar, mas o de que a literatura é um corpo e essa carnalidade envolve também outros corpos, inclusive o do leitor. Partindo do ensino da africanidade literária lusófona, podemos mostrar a linguagem como construtora e construída do social e colocar em prática o que tanto deseja Paulo Freire: fazer da escola um local de libertação. Essa libertação liberta somente os oprimidos, mas também os opressores.

A 2 - Conforme os PCNs de Língua Portuguesa, cabe aos professores dessa disciplina assegurar uma formação que vise à construção da cidadania por meio do letramento de diversas tipologias e gêneros textuais, possibilitando, dessa forma, que o aluno enxergue possibilidades de ascensão social por meio do uso da língua. Dessa maneira, os estudos ^{linguísticos} literários são intrinsecamente ligados aos estudos literários e associar o conteúdo de estrutura / formação de palavras às literaturas africanas lusófonas nos Ensinos Médios pode ser de extrema utilidade.

É interessante afirmar que, nessa etapa de ciclo dos estudos, os alunos já construíram importantes noções sobre os morfemas que compõem as palavras, conteúdo visto no Ensino Fundamental. Assim, o professor do Ensino Médio ocupa tendo um lugar "privilegiado", pois poderá mergulhar no assunto de forma ainda mais problematizadora, sempre acompanhado pelo diálogo com os alunos da classe.

No que tange à aliança entre os conteúdos linguístico e literário, podemos dialogar com o fato de a língua Portuguesa, nos países colonizados, ter sido sempre uma imposição. Como toda imposição é questionada no discurso pós-moderno, com a língua mãe seria diferente. Em países, como Angola e Moçambique, desde a ancestralidade, a palavra possui, na visão de muitos, uma força vital e adquire aspectos da sacralidade. Para diversos autores africanos, como Mia Couto, Mândim e Pepetela, as escrituras materializam som, corpo e letra, dramatizando, segundo Laura Maria Lúcia Secco Tindó, as vozes dos antigos contadores de histórias (incantados), reencenando "ritmos fundadores e poderes cômicos do verbo incantado". Como consequência da imposição linguístico-cultural portuguesa, há o sentimento de que a língua do povo colonizador não reflete e expressa adequadamente a realidade local africana. Odete Semedo, no poema "Em que língua escrever", questiona a decisão ser o riado quinense ou o português a língua que deve contar aos filhos da Mãe África a história de seu povo. No decorrer do texto, o seu lirismo manifesta uma visão dialética e, com um tom lírico e ao mesmo tempo argumentativo, defende a importância de ambos os códigos.

Sendo assim, não é de se estranhar que a língua Portuguesa seja reinventada por elementos das línguas africanas labonais, resultando ao mesmo tempo ~~em~~ ^{uma} subversão e uma inovação estética ~~total~~. ~~Esta~~ entendimento dessa reinvenção passa pelo conteúdo de estrutura/formação de palavras, pois por meio do entendimento dos conceitos de morfemas como Radical, prefixo e sufixo, ^{por exemplo,} é possível a resemantização das palavras, em um verdadeiro jogo verbal. Assim, a revolução dirigida por autores da geração de 1975 passa a se manifestar com mais afincos no plano formal ~~em~~ ^{em} partir de 1980.

Adverbiais no plural, neologismos e arcaísmos são exemplos de como muitos autores africanos revolucionaram a linguagem sem furir o sistema da língua, que, como disse Roland Barthes, é fascista. A subversão por meio da formação de novas palavras é incentivada como forma de resistência, defendendo que a maior revolução, na verdade,

dão-se no campo da linguagem.

Por meio do personagem João Vêncio, de Luandino, vê-se a máxima de Walter Benjamin de que a história está sob ruínas. Em seu narrar desalienado, é preciso o quanto que o ritmo da memória pode ser um importante elemento de formação de novas palavras. Tal recurso também é encontrado no personagem brasileiro Rivaldo, de Guimarães Rosa, que igualmente problematiza a estrutura da palavra ao duvidar dela e disruptá-la, ressignificando as palavras ou mesmo criando novas a partir do esboçamento de estrutura/formação de palavras.

Portanto, cabe ao professor de Português chegar à conclusão, juntamente com os alunos, que o trabalho literário é o trabalho de um artífice e, como tal, este necessita de recursos em seu labor. Os recursos são diversos, mas o esboçamento dos morfemas, de seus valores semânticos, e do processo de derivação e composição são elementos fundamentais em qualquer estética da transgressão. Assim, vivendo a dialética entre inovar o presente e dar continuidade ao passado, a literatura de diversos autores africanos pertencentes à lusofonia permitem ao professor de Português e às suas turmas ^{observar} ~~observar~~ não linear, mas espiralado do conteúdo estrutura/formação de palavras, movimento seguido pelos PCNs da área mencionada.

Q3 - Por muitos anos, a principal função da literatura no Ensino Fundamental II materializou a visão clássica de que o texto deveria transmitir ensinamentos morais e éticos, fazendo da leitura um importante canal da formação de um indivíduo possuidor de valores sociais. Essa ótica já era percebida na era clássica, quando, por exemplo, Homero (ou homeriádes?) lançou as epopeias Ilíada e Odisseia. Por meio destes textos clássicos, foram ensinados códigos de conduta a crianças, homens e mulheres. Essa perspectiva é corroborada por Platão que em seu livro "A República" expulsa os poetas da república ideal, pois estes, teoricamente, corrompiam a cidade, sinônimo de Belo. Dessa forma, para os clássicos, a forma épica deveria ser imbuída de fatores "edificatórios" para a sociedade vizignti.

qualitativa. Por fim, a produção de textos poéticos concretos pode ser um importante canal de "ruminação", conceito usado por Mariana Lhauá, por parte dos alunos, quando maiores dúvidas podem ser abertas e questionadas não só pelo professor, mas por toda a classe, fazendo da aprendizagem um movimento espiralado, como pedem os PCNs.

Portanto, cabe ao professor de Língua Portuguesa a constante postura investigativa, pesquisadora, desenvolvendo constantemente reflexões teórico-práticas em seu cotidiano de prática docente a fim de superar a visão de ensino clássica e propor uma articulação com a realidade social vigente.